

David Lagercrantz

A Rapariga Apanhada na Teia de Aranha

Traduzido do sueco por
Jaime Bernardes



D. QUIXOTE

1.ª PARTE

O OLHAR VIGILANTE

1 a 21 de novembro

A AGÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA (NSA) É UMA ENTIDADE FEDERAL AMERICANA SOB A ALÇADA DO DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. A SEDE ESTÁ INSTALADA EM FORT MEADE, EM MARYLAND, AO LADO DA AUTOESTRADA PATUXENT.

FUNDADA EM 1952, A NSA DEDICA-SE À VIGILÂNCIA E RECOLHA DE DADOS – ATUALMENTE OS QUE SÃO TRANSMITIDOS SOBRETUDO PELA INTERNET E PELA REDE TELEFÔNICA.

A NSA TEM RECEBIDO CADA VEZ MAIS MISSÕES E HOJE VIGIA MAIS DE VINTE MILHÕES DE CONVERSAS E MENSAGENS POR DIA.

CAPÍTULO I

INÍCIO DE NOVEMBRO

FRANS BALDER sempre se considerou um mau pai.

Apesar de August já ter oito anos, dificilmente conseguira até então desempenhar esse papel. E era difícil afirmar que agora iria sentir-se confortável nessa função. Mas era o seu dever. Era assim que encarava a situação. O rapaz não estava bem em casa da sua ex-mulher e do maldito marido dela, Lasse Westman.

Por isso, Frans Balder pediu a demissão do emprego em Silicon Valley, apanhou um avião e regressou a casa. Agora encontrava-se no aeroporto de Arlanda, em Estocolmo, à espera de um táxi, quase em estado de choque. Estava uma tempestade infernal. A chuva e o vento forte fustigavam-lhe o rosto e, pela centésima vez, perguntou-se se teria tomado a decisão certa.

De entre todos os loucos egocêntricos, seria ele a sujeitar-se a ser pai a tempo inteiro. Não seria realmente uma loucura? Era como se fosse trabalhar no jardim zoológico. Não sabia nada de crianças e, em termos práticos, também nada sabia da vida. E ainda por cima ninguém lhe pedira nada. Nem a mãe nem a avó telefonaram, não pediram nada, não disseram nada, mas claro que ele devia assumir as suas responsabilidades.

A decisão fora dele. E agora estava a pensar que, contrariando uma antiga decisão sobre a custódia do filho, e sem aviso, estava disposto a entrar em casa da ex-mulher e retirar de lá o filho. E isso iria dar origem a uma cena violenta. Acabaria por levar a pior num confronto com o maldito Lasse Westman. Mas já decidira e agora sentia-se esperançado dentro de um táxi conduzido por uma mulher

que, de forma muito masculina, mascava uma pastilha elástica ao mesmo tempo que tentava entabular conversa com ele. A mulher não teve sorte. Ele não estava nos seus melhores dias. Frans Balder não estava para conversas.

Continuou sentado no assento traseiro, a pensar no filho e em tudo o que acontecera nos últimos tempos. August não fora a única, e muito menos a principal razão para se demitir da Solifon. A sua vida atingira um ponto de rutura e, por momentos, chegou a perguntar-se se iria aguentar. A caminho do bairro Vasastan, parecia ir desfalecer e teve de se concentrar para dominar o impulso de desistir de tudo. Mas já não podia voltar atrás.

Na Torsgatan pagou o táxi, pegou na bagagem e deixou-a do lado de dentro do portão. A única coisa que transportou escadas acima foi a sua pasta de viagem que, aliás, nada tinha além de um mapa-mundo, muito colorido, comprado no Aeroporto Internacional de São Francisco. Em seguida, parou diante da porta, ofegante. Fechou os olhos e imaginou todas as cenas possíveis de confronto e desvario. Na realidade, quem poderia censurá-los? Ninguém aparece assim, de repente, e arranca uma criança ao seu ambiente familiar, muito menos um pai que tudo o que tinha feito até à data era transferir dinheiro para uma conta bancária. Mas era uma situação de emergência. Pelo menos, no seu entender. Então, encheu os pulmões de ar, respirou fundo e, por muito que desejasse fugir daquilo tudo, tocou à campainha.

Ninguém veio à porta, pelo menos de imediato. Depois, a porta abriu-se de par em par e Lasse Westman estava ali, com os seus olhos de um azul intenso, o seu enorme arcaboijo e os seus punhos poderosos, que mais pareciam ter sido criados para fazer mal a alguém. E era por isso mesmo que muitas vezes conseguia ser o *bad guy*, o vilão, nas telas de cinema, ainda que em nenhum desses papéis, acreditava Frans Balder, o *guy* fosse tão *bad* como no que Lasse representava todos os dias na vida real.

– Meu Deus! – exclamou Lasse Westman. – Nada mal, nada mal. O génio em pessoa veio visitar-nos.

– Vim para levar o August comigo – afirmou Frans.

– O quê?

– Tenciono levá-lo comigo, Lasse.

– Deves estar a brincar!

– Nunca falei tão a sério – disse Frans, com cautela.

Nessa altura, vinda de uma divisão à esquerda, apareceu Hanna, a sua ex-mulher. A primeira coisa em que reparou é que ela já não era tão bonita como antes. Deviam ter sido demasiados acidentes e, certamente, demasiados cigarros, e copos também. Mesmo assim foi tomado por uma inesperada sensação de ternura, em especial quando descobriu uma nódoa negra no pescoço dela. Parecia até que, apesar de tudo, ela queria transmitir-lhe uma espécie de mensagem de boas-vindas. Mas nem sequer teve tempo de abrir a boca.

– Por que raio te deu para isso agora? – perguntou Lasse Westman.

– Porque está na hora de dizer basta. O August precisa de um lar seguro.

– E é isso que agora lhe poderás dar, seu inventor de meia-tigela? Desde quando fazes mais do que olhar fixamente para um computador?

– Eu mudei – disse Frans, sentindo-se patético, e não apenas por duvidar ter mudado o que quer que fosse.

Estremeceu também quando Lasse Westman começou a encaminhar-se de novo na sua direção, com o seu enorme físico e a sua raiva contida. A situação tornou-se tão sufocante que chegou mesmo a pensar não oferecer resistência face a qualquer atitude agressiva, e que aquela ideia nunca tivera pés nem cabeça. Mas, por muito estranho que pareça, não houve nenhuma explosão de brutalidade, nenhuma cena, apenas um sorriso irónico a emoldurar as palavras:

– Muito bem, mas isso é incrível!

– O que queres dizer com isso?

– Que já não era sem tempo! Não é verdade, Hanna? Finalmente, um pouco de sentido de responsabilidade da parte do Senhor Ocupado. Bravo, bravo! – continuou Lasse Westman, batendo palmas, de forma teatral. Mas depois foi isso que, na realidade, mais assustou Frans Balder: a facilidade com que se dispuseram a deixar partir o rapaz.

Sem protestar, a não ser de uma forma puramente simbólica, deixaram que Frans levasse o filho. Talvez vissem August apenas como um empecilho. Não era fácil saber. Hanna dirigiu a Frans alguns olhares de difícil interpretação, as mãos tremiam-lhe e os maxilares estavam tensos. Mas mal o questionou. Devia ter-lhe feito mil perguntas, mil exigências e recomendações, preocupada com a alteração da rotina do filho. Mas limitou-se a dizer:

– Tens a certeza do que estás a fazer? Vais conseguir resolver o problema?

– Tenho a certeza que sim – respondeu Frans.

Depois, dirigiram-se ambos para o quarto de August, onde Frans o viu pela primeira vez num ano. Sentiu-se constrangido.

Como é que podia ter abandonado um miúdo como aquele? Tão bonito e perfeito, o cabelo forte e encaracolado, o corpo esbelto e aqueles olhos azuis, graves, profundamente mergulhados na montagem de um gigantesco *puzzle* de um barco à vela. Toda a sua figura parecia gritar «não me chateiem», mas Frans avançou lentamente como se estivesse a aproximar-se de um ser estranho e imprevisível.

Todavia, conseguiu captar a atenção do rapaz e fazer com que ele lhe desse a mão, saindo depois os dois pelo corredor. Frans jamais esqueceria aquele momento. Em que estaria August a pensar? O que estaria a imaginar? Não levantava os olhos, nem para ele nem para a mãe. Evidentemente, ignorou por completo todas as despedidas e votos de felicidade. Limitou-se a escapar com Frans para dentro do elevador. Mais fácil do que isto seria impossível.

August era autista. Provavelmente, com graves perturbações no seu desenvolvimento intelectual, embora não fossem visíveis. Pela aparência até se podia admitir o contrário. Com o seu rosto delicado e expressivo, o miúdo exibia um ar de nobreza ou, pelo menos, aquela aura de quem considera não valer a pena importar-se com o mundo que o rodeia. Mas, olhando mais de perto, notava-se-lhe uma expressão velada no olhar, além de ainda não ter dito sequer uma palavra.

August também traiu todos os diagnósticos que lhe fizeram aos dois anos de idade. Nessa altura, os médicos disseram que provavelmente pertencia a uma minoria de crianças autistas cujas capacidades não são afetadas, bastando uma terapia comportamental intensiva para que os resultados fossem, apesar de tudo, muito positivos. Mas nada aconteceu como eles esperavam e, para dizer a verdade, Frans Balder não sabia o que sucedera com todas aquelas medidas de apoio e acompanhamento, nem mesmo com a evolução escolar do filho. Frans vivia no seu próprio mundo. E depressa voara para os Estados Unidos, acabando em conflito com tudo e todos.

Fora um idiota. Mas agora iria saldar a sua dívida e tomar conta do filho, agarrando a oportunidade com grande entusiasmo. Encomendou revistas e telefonou para especialistas e professores. E de imediato se tornou claro que o dinheiro que transferira não tinha servido para cuidar de August, mas para outros fins. Certamente, para as aventuras de Lasse Westman e para o pagamento das suas dívidas de jogo. Ao que parecia, o rapaz fora deixado ao deus-dará, preso a rotinas diárias. Provavelmente enfrentara até coisas piores. E foi por isso mesmo que Frans regressou à Suécia.

Um dos psicólogos telefonara, preocupado com uma estranha nódoa negra no corpo do rapaz. E Frans também já tinha reparado nessas nódoas negras. Havia-as pelos braços e pernas de August, bem como no peito e nos ombros. Segundo Hanna, as marcas eram consequência das crises do filho, que se atirava de um lado para o outro. E, na verdade, ao segundo dia, Frans Balder presenciara já uma dessas crises que o deixou assustado e completamente fora de si. Mas nada cujo efeito pudesse resultar nas nódoas negras que August tinha no corpo.

Frans suspeitava de agressões pelo que procurou ajuda junto de um médico particular de clínica geral, ex-agente da polícia, seu amigo, que, embora não lhe tenha confirmado com segurança nenhuma das suas suspeitas, o deixou ainda mais preocupado. Tão preocupado que passou a tomar uma série de notas e a explicá-las. Tomou até nota de que se esquecera de olhar pelo filho. August passava a maior parte do tempo sentado no chão de um quarto que Frans mandou decorar

para ele, na sua casa na cidade de Saltsjöbaden, com vista para o mar. O rapaz ficava a montar os seus *puzzles* com centenas de peças, que juntava habilidosamente nos lugares certos, só para desfazer tudo de uma vez e recomeçar tudo de novo.

De início, Frans olhava fascinado para o filho. Era como ver um grande artista a trabalhar. Às vezes, tinha a ilusão de que, a qualquer momento, o rapaz iria levantar os olhos e dizer-lhe alguma coisa. Mas August nunca abria a boca e se levantava a cabeça era para deixar o olhar passar por ele e logo ser desviado para o lado, na direção da janela e dos reflexos do sol na água do mar. Por fim, Frans deixava-o em paz. August ficava sentado, então, no seu isolamento. E, na verdade, o pai também raramente saía com ele, nem sequer para dar uma volta pelo parque em frente da casa.

Formalmente, Frans não tinha a custódia do filho e decidiu não entrar em aventuras de qualquer espécie antes de obter uma decisão jurídica favorável. Por isso, era Lottie Rask, a sua cozinheira, que fazia todas as compras, refeições e limpezas. Frans Balder não tinha jeito para nenhuma dessas tarefas do quotidiano. Sabia tudo sobre computadores e algoritmos, mas quase nada sobre o resto. E quanto mais o tempo passava, mais ele permanecia sentado em frente do computador, atento à correspondência com os advogados. À noite, acabava por dormir tão mal como no tempo em que vivera nos Estados Unidos.

Havia melancolia e mau tempo no horizonte. E Frans tinha por hábito beber uma garrafa de vinho tinto todas as noites, normalmente *Amarone*, o que não o ajudava em nada, a não ser no imediato. Então, começou a sentir-se cada vez pior, chegando ao ponto de imaginar que iria esfumar-se e desaparecer para um lugar nada convidativo, como uma pessoa desonrada e desacreditada. Mas então, num sábado, em novembro, aconteceu. Estava uma noite ventosa e fria. Ele e August caminhavam pela Ringvägen, no lado sul da capital sueca. E estavam quase congelados.

Tinham jantado em casa de Farah Sharif, na Zinkensväg. Há muito que August devia estar a dormir. Mas o jantar fora demorado e Frans Balder não havia parado de falar. Farah Sharif tinha esse dom.

Conseguia que as pessoas lhe abrissem o coração. Frans conhecera-a quando ambos estudavam informática no Imperial College, em Londres. E hoje, Farah era uma das poucas pessoas no país ao seu nível ou, pelo menos, uma das poucas que conseguia seguir a linha dos seus pensamentos. Foi uma experiência fantástica reencontrar alguém que o compreendia.

Mas também se sentia atraído por ela. Só que, apesar de várias tentativas, nunca fora para a cama com ela. Frans Balder não era bom nisso. Não sabia como conquistar as mulheres. Todavia, nessa noite recebeu um abraço de despedida que, praticamente, se poderia considerar um beijo. E percebeu que estava a fazer grandes progressos. E era nisto que ia a pensar enquanto passava com August em frente do estádio de atletismo de Zinkensdamm.

E Frans decidiu que da próxima vez contrataria uma *babysitter* e, então, talvez... Quem sabe?

À distância, ouvia-se um cão a ladrar. Uma voz de mulher gritou atrás dele, de preocupação ou de alegria, era difícil definir. Ele via já a Hornsgatan e o cruzamento onde tencionava apanhar um táxi ou o metro para Slussen. Parecia estar prestes a chover mas, quando chegaram ao cruzamento, o sinal estava vermelho. No outro lado da rua, encontrava-se um homem dos seus quarenta anos, meio esfarrapado, que lhe pareceu vagamente familiar. E nesse momento deu a mão a August. Frans queria assegurar-se de que o filho não saía do passeio. E sentiu-lhe a mão tensa, como se o rapaz estivesse a reagir fortemente a alguma coisa. Além disso, os seus olhos tinham um brilho intenso e luminoso como se aquele véu no olhar tivesse desaparecido num passe de mágica. Agora, em vez de olhar para dentro como era hábito, e ao contrário das pessoas que ali estavam, August apercebera-se de alguma coisa mais profunda e importante que se encontrava naquele cruzamento e na passadeira. E Frans achou por bem não atravessar a rua, ainda que o sinal tivesse ficado verde.

Deixou o filho ficar ali a apreciar o cenário. E sem saber porquê, sentiu uma profunda emoção, que estranhou. Afinal, era apenas um olhar, nada mais do que isso. E o olhar nem era especialmente

límpido ou alegre. No entanto, fez com que Frans se lembrasse de algo que há muito acontecera e esquecera, mas que permanecia no seu subconsciente. E pela primeira vez, desde há muito, os seus pensamentos encheram-se de esperança.